

APRESENTAÇÃO

Beliza Áurea de Arruda Mello (UFPB)
Maria Claurênia Abreu de A. Silveira (UFPB)
Valéria Severina Gomes (UFRPE)
Véronique Le Dü da Silva-Semik (IELT)

A organização deste número da Revista ProLíngua, dedicado às oralidades, foi proposto pela prof^a dr^a Beliza Áurea de Arruda Mello que veio a falecer no início do processo para a publicação. Antecipando-se aos artigos, estão colocados, em um conjunto, alguns pequenos depoimentos de alunos e colegas de trabalho, a título de homenagem a Beliza, pela sua trajetória como professora pesquisadora, envolvida com as vozes e escrituras.

Este número apresenta artigos sobre o tema Vozes e Escrituras, com enfoque na tradição e na modernidade.

Os estudos trazidos a lume dialogam com eixos da linguística, da literatura, da antropologia. Enfocam abordagens sobre oralidade e escritura, música, ciberespaço. No conjunto dos textos apresentados, constam discussões sobre a produção oral-vozes (poesia e performance na cantoria, reisado, voz/memória), analisando essas expressões culturais do ponto de vista de uma produção sociocultural, a partir de registros junto aos participantes nessas expressões culturais.

No que se refere a uma produção que envolve escrita-escrituras, constam discussões sobre expressões da oralidade que se manifestam de formas variadas (picho como expressão transgressoras, manuscritos culinários de congregações religiosas, discursos da memória coletiva em torno da Santa Ana). Considerando-se as oralidades expressas na literatura, desde modalidades tradicionais de produção do cânone, estudos aqui elencados discutem formas de abordagem de textos orais através da literatura e da música (escrita e oralidade na obra de Mia Couto, expressão musical na poesia de Kolody). As modalidades não canônicas também estão contempladas, em análises de aspectos do mundo cibernético (gêneros discursivos e tecnologias cognitivas, análise de blogue, em um diálogo entre histórias de vida e outras mídias).

Considerando a multiplicidade de temas aqui elencados, esperamos que os leitores encontrem nesses estudos formas de interação com os universos pesquisados, que abrem possibilidades de ampliação das temáticas, contemplando vozes e escrituras.

PARA LEMBRAR BELIZA ÁUREA DE ARRUDA MELLO: UMA HOMENAGEM

Para começar...

A intenção de reunir pessoas com o intuito de trazer à lembrança a pessoa de Beliza aqui materializou-se neste texto a muitas mãos e uma mesma intenção: reconhecer que a sua ausência foi sentida no meio em que atuava e que o seu trabalho como professora amante das culturas orais foi significativo. Assim, reforço a ideia de homenagear Belizáurea em poucas linhas que retrate uma forte intenção de reconhecer o seu esforço em congregar pessoas em torno das manifestações culturais que ela qualificava como “das bordas” e mostrar a importância de ampliar e aprofundar os estudos sobre elas. Salve Belizáurea, pesquisadora que encontrou inspiração nas culturas orais e dedicou boa parte da vida acadêmica ao seu estudo!

Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira
UFPB/CE/Proling



BELIZÁUREA

Assim como os demais colegas, sinto-me privilegiada pela oportunidade de deixar registradas a minha gratidão e a minha admiração pelo perfil acadêmico e pela essência espiritual de Beliza. A minha gratidão consiste na oportunidade de conviver em poucos, mas significativos momentos, com Beliza e tê-la como parceira em algumas ocasiões de trabalho e de folia em que a alegria permeava todas as nossas ações. Tenho e terei admiração pelo conhecimento, pela afetividade com que lidava com as pessoas e pela bela e iluminada aura, que continua a reluzir em planos sem fim.

Valéria Severina Gomes
UFRPE



A você, Beliza Áurea, criadora deste projeto... aqui está ele concluído. Nele vive a sua energia, as suas escolhas, a sua marca como intelectual que deu o devido lugar à cultura popular em todas as suas formas. Obrigada pela sua presença contagiante. Sou-lhe grata por ter me transmitido a sua experiência acadêmica mas sobretudo por ter aberto o espaço no qual vivenciei a sua capacidade de criar, de reunir, de incentivar, de iluminar e provocar aquele impulso que unifica e cria uma só intenção. Um profundo obrigado por ter compartilhado experiências intelectuais saborosas e ricas de sentido e musicalidade.

Véronique Le Dü da Silva-Semik
Instituto de Estudos em Literatura e Tradição – IELT



Palavras não bastam...

Ao escrever essas palavras para homenagear a professora Beliza Áurea de Arruda Mello - minha orientadora querida, formadora de uma vida inteira - não posso deixar de registrar

como as lágrimas, ora me inundam, ora transbordam o amor, que sou incapaz de descrever. Esse é um texto apaixonado! Ainda sinto a presença da minha orientadora em cada aula planejada, em cada projeto idealizado, em cada plano traçado; sou capaz de ouvir sua voz mansa ao proferir palavras de carinho, sua voz estridente quando estava eufórica com as minhas conquistas, sua voz brava quando o momento era para me repreender a fim de que eu desenvolvesse todo o meu potencial... Como sinto falta dos sábios conselhos, da voz da experiência que trilhara tantos caminhos e encruzilhadas, da inteligência singular, da observadora atenta, de como conseguia vislumbrar percursos, quando eu não conseguia vê-los. Ah, que saudade! Conheci-a em dois mil e quatro, como aluna da disciplina de Literatura Portuguesa I em que aprendi sobre o amor desde “O Banquete” de Platão até as “Cartas de amor de Mariana Alcoforado”. O amor era o fio condutor, não só dessa disciplina, mas de tudo o que Beliza se propunha a fazer, ela amava ensinar e essa forma de amar o ensino e a pesquisa me contagiou. Fui sua monitora no período seguinte, percorri os trajetos da iniciação científica, como bolsista PIBIC durante dois anos e meio, concluí meu mestrado. E o amor ao saber, aos livros, ao ensinar e ao aprender são as molas mestras que sustentam o edifício do meu ser que, sem dúvidas, foram alicerçados por uma amizade e admiração por essa pessoa iluminada que marcou a minha vida. “Os fios e os rastros” de Beliza habitam em mim.

Alessandra Gomes Coutinho Ferreira
Ex-orientanda



Minha experiência com Beliza Áurea

Eu conheci a professora Beliza em 2010. Fui apresentado a ela pela minha amiga Stela Viana, professora da UESPI e então orientanda de Beliza no doutorado. Não foi por acaso, eu tinha pretensão de fazer o mestrado na área de Oralidades e Práticas Sociais e a apresentação seria um primeiro contato rumo a uma possível orientação. Fui calorosamente acolhido por Beliza, que prontamente colocou-se à minha disposição para o que eu necessitasse, inclusive para orientação. Deu sugestões bibliográficas para elaboração do projeto e colocou seu contato pessoal ao meu dispor.

Passaram-se alguns anos e, finalmente, em 2014 a procurei novamente para que me orientasse e a recepção foi a mesma, alegre, espontânea e atenciosa.

A partir de 2015, já no mestrado, passei a conviver semanalmente com Beliza, nas suas aulas, na orientação, nos encontros do grupo de estudo no NUPPO. Por vezes pude vê-la sobrecarregada, tensa, questionadora, mas nunca a vi desanimada com a pesquisa, com o fazer acadêmico, com os projetos de futuro. Em nenhum momento Beliza parecia insatisfeita conosco, orientandos, com as nossas dúvidas, com as nossas inseguranças. Sentíamos na sua orientação um sentimento de proteção, algo quase maternal.

Nos três anos de convivência próxima pude compreender a importância que Beliza dava à educação, como o seu discurso era permeado pelas mais diversas manifestações culturais às quais dedicou longos anos de estudo, e o quanto o NUPPO era uma extensão da sua própria vida.

Beliza me deixou muita saudade, um sentimento de orfandade intelectual, uma referência estética e humana.

Edmilson Ferreira dos Santos
Cantador profissional



Aprendi com Santo Agostinho que Esperança tem duas filhas: Indignação e Coragem. A primeira nos ensina a não aceitar as coisas como estão; a segunda sugere mudança. Como sopra que anima a matéria e desperta a imaginação, Beliza Áurea sempre foi um oráculo para seus discípulos/“lindinhos”; e mesmo em tempos de indignação, gerada pela opressão da pós-modernidade, ela nos ensinou a ressignificar a coragem, exterminando o medo para seguir com o investimento no fenômeno da plasticidade cultural, na relação entre tradição e modernidade, com ênfase nas culturas populares. É dela, sem dívida, o crédito pela maior parte da porção que transforma pedra em ouro na alquimia de valorização dos estudos culturais e que me estimulou para seguir seus passos com olhar visionário em estudos acadêmicos que exploram a complexidade do diverso e do mesmo, aspectos do humano e do sociocultural. Seu olhar sempre atento para as mídias que circulam no cotidiano das cidades me motivou para o desenvolvimento de estudos que permitem compreender o modo como o homem das culturas populares atua e se modifica pela ação/atuação da palavra, da voz, práticas sociais que nas culturas se transformam e continuam. Beliza, ser continuum, ser de luz, ainda tenho viva sua lembrança, também os ensinamentos, a amizade, o companheirismo... E por isso serei sempre grato.

Linduarte Pereira Rodrigues

DLA/PPGFP- UEPB



Homenagem póstuma

Eu, Luanna Vaz Amaro, hoje orientanda do Doutorado PROLING/UFPB, tenho um grande carinho e admiração pela Profa. Dra. Beliza Áurea de Arruda Mello, simplesmente Beliza Áurea, como gostava de ser chamada, sem muita cerimônia ou grandes deferências, pessoa esta dotada das mais altas qualidades intelectuais, uma das mais conhecedoras das Oralidades e Escrituras, defensora da cultura popular e da permanência dos núcleos e museus sobre Cultura.

Professora no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e na Pós Graduação em Linguística; e coordenadora do Núcleo de pesquisa popular da Universidade Federal da Paraíba (NUPPO), local este que emanava sua energia, pelo amor à cultura popular, à pesquisa, às memórias, “individuais ou coletivas”, memórias estas que serviam de base para suas pesquisas, e acima de tudo, base para a vida. Em muitos dos seus ensinamentos, para nós alunos ou orientandos, dizia que “é das vozes do povo que aprendeu a ver a vida, portanto, escutem as vozes das pessoas, das ruas”. Era encantada pelas ruas, pelo povo e suas histórias, em cada discussão ou conversa descobria uma pesquisa ou algo a relacionar com outra já em andamento. E fomos às ruas: visitamos praças, feiras, museus, livrarias, cemitérios (essa visita me deu medo, confesso), e fora nesses lugares onde a verdadeira pesquisa se fazia e revelava.

E por falar em pesquisa, foi esse o meu primeiro contato mais pessoal com Beliza, que no ano de 2006 me apresentou a pesquisa “Manuscritos Culinários: percurso da memória urbana através dos cadernos de receitas”, pela qual logo me encantei e pedi para participar, e daí começou minha viagem pelas orientações e ensinamentos cuja primeira lição e que jamais esqueci foi: “Luanna escreva isso para nunca esquecer: *“As receitas de cozinha levam a conhecer o que se come ou se comia em determinada época, o que se sonhava em comer em diferentes territórios. O verbete “Alimentação, escrito para o volume 16 (Homo – Domesticação /Cultura material) da Enciclopédia Einaudi, compara as primeiras*

experiências alimentares às experiências linguísticas. Sugere que é possível falar em “alimentação materna”, tal como se fala em “língua materna”. É uma linguagem, como já propôs Lévi-Strauss, que reelabora historicamente as inovações e mudanças de gosto, influenciando as linguagens”. E rapidamente anotei, e foi neste momento que aprendi também, que era preciso sempre anotar o que ela dizia, porque as suas próprias anotações eram indecifráveis... (quase letra de médico).

Contudo, depois de sua demonstração de amor pela culinária e o mundo da alimentação, que emanavam de diversas pesquisas, que durante esses 13 anos nos uniu, desde as orientações no PIBIC (Projeto de pesquisa na graduação), depois no meu Mestrado com as Tradições Discursivas das receitas: do manuscrito ao impresso e agora no Doutorado com as receitas culinárias midiáticas, que infelizmente não pudemos concluir, mas que me deixou ainda mais responsável pela continuidade dos estudos sobre culinária. E isso me faz feliz e com esperança em prosseguir.

Enfim, Beliza era a pessoa das paixões: pela culinária, pelo cordel, pelas religiões, pelo imaginário, pelas culturas populares no geral, e também era a mulher das citações. Em toda defesa de dissertações ou teses de seus orientandos, começava seu discurso com uma citação que nos representasse, e isso com certeza nos deixava muito envaidecidos. Sempre chegava com uma frase da literatura, da música ou um ditado popular encaixando-os em um momento das conversas ou orientações. E isso sempre nos fazia rir ou refletir.

Era também, do mundo dos rituais. Tudo para ela era um ritual. A sala de aula, aulas de campo, reuniões de grupos de pesquisas, defesas de dissertações ou teses, tudo era um grande ritual, tudo virava um acontecimento quando tinha sua presença. Um simples café na “praça da alegria”, no CCHLA, se tornava um evento onde as pessoas se aproximavam para ver de onde vinha aquela gargalhada, aquele grito repentino ou aquele “Lindinho” ou “Lindinha”.

E esse “Lindinha” o qual só ouvirei na lembrança, me faz recordar de Guimarães Rosa no Grande Sertão: Veredas, quando diz que “A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem se misturam.”. E daí, lembrar de Beliza será lembrar de “trechos diversos” de sua passagem pela UFPB, pelos capítulos que escreveu, no DLCV, no PROLING ou no NUPPO (PRAC), pelos vários sentimentos que despertou em nós alunos, orientandos, colegas de trabalho ou amigos que fez.

Tenho certeza de que ela nos deixou um grande legado, plantou muitas sementes que continuarão seu trabalho, suas pesquisas e acima de tudo o amor pelas culturas populares, pelas Oralidades e Escrituras, pelo Imaginário, Medieval e Tradições Discursivas e isso a deixará sempre viva em nossos corações.

Luanna Vaz Amaro Félix
Doutoranda (Proling – UFPB)



À MAIOR DAS LINDINHAS...

Foi no étimo de Beliza
Que descobri a beleza
O seu nome tem a grandeza
Que por si bem sintetiza
Seu léxico semiotiza
Uma alma na ativa

Em contínua narrativa
Agora em elevação
Beliza é perfeição
Que o espírito cativa

A linguagem a vestiu
Com o vocal se adornou
Com as bordas costurou
A cultura que geriu
No silêncio ao céu partiu
Belizáurea, interativa
Belizáurea, a proativa
Beliza, a revolução
Beliza é perfeição
Que o espírito cativa

Gênero: mote em 7

Autoria: Marcelo Vieira da Nóbrega
(Ex-orientando - Doutorado)



"A Morte existe; os Mortos não!" sentencia Luís da Câmara Cascudo em seu livro *Gente viva* (1970), em que prolonga a companhia de amigos em "vestígios de convivência", por meio de "impressões pessoais, frases, pequeninas anedotas, sugestões dos contatos, quando perceptíveis aos sentidos humanos."

Beliza Áurea de Arruda Mello, minha querida amiga Beliza, com sua alegria de viver, sua gargalhada sonora, seu bom humor ao qual se mesclava o comentário inteligente e mordaz, o colorido de suas roupas, seus charmosos chapéus jamais se apagarão em minha memória e em meu coração.

Por razões geográficas, nosso convívio não foi longo nem constante. Mas, ir a João Pessoa e encontrar Beliza era uma festa. A certeza de momentos plenos de descobertas, de aquisição de conhecimento por meio de suas argutas intervenções sobre tantos assuntos nos vários domínios nos quais transitava com desenvoltura. Um comentário sobre uma música - e como era vasto seu repertório - sobre livros, sobre gastronomia, sobre seres, lugares, coisas. Ela muito sabia. E conheceu muita gente e teve muitos amigos. Encantava-me quando a querida amiga evocava figuras e fatos de sua vivência no Rio de Janeiro. Os poetas, os escritores, os jornalistas, os artistas que encontrou em suas andanças pelas livrarias cariocas ou dos quais teve lições nos bancos acadêmicos. É uma pena que não tenha escrito um livro de memórias, por mim sugerido mais de uma vez. Mas, quem sabe, em seus arquivos um dia surgirão páginas do gênero?

Foi por demais inesperada e intempestiva sua *saída de cena*. Mas, consola-nos a todos os que a amamos a certeza de que agora ela repousa na mão de Deus, eternamente.

Roberto da Silva
professor e pesquisador

